

Sonho e Ideologia na poesia de Urbano Tavares Rodrigues

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Álvaro de Campos

1. O caso de *O Cornetim Encarnado*

¹ Urbano Tavares Rodrigues, *O Cornetim Encarnado*, in *Assim se esvai a vida*: Lisboa: Dom Quixote, 2010, p. III.

² *Ibidem*, p. 59.

³ *Ibidem*, p. 64.

Sonho, ideologia (“eu, ainda criança, já concebia, à minha maneira, a igualdade entre os seres humanos”¹), amor, alma da liberdade, morte, eu, pessoa, sociedade: temáticas-chave em Urbano Tavares Rodrigues (UTR). A poesia de Urbano é imbuída da ideologia e do sonho que fazem o escritor e o homem. Trata-se de um trabalho semântico que é uma extensão sua, como artista, intelectual e ser humano.

Logo a abrir *O Cornetim Encarnado* (em que nos fixaremos por ora), um dos livros da sua mais recente obra, usa como epígrafe um trecho do *Canto Geral* de Neruda, onde palavras-chave como “estrume” (pensamos em Eisenstein quando diz que “vivemos todos na mesma merda, o que varia é a profundidade dela”), “lutarás” (sugere intervenção revolucionária) e “vergonha” nos entregam à subtil consciência do seu idealismo.

O Cornetim Encarnado (parafrazeando o autor: o clarim e a corneta abundam na poesia de resistência) é um livro que mistura vários géneros, mas em que a poesia desempenha um papel dinamizador e simultaneamente algo paliativo. Ora, estamos perante um grupo disperso de poemas que vêm de fora para dentro. O autor pouco ou nada investe. São artefactos que modela e o divertem. A atmosfera é a de uma espécie de *Lira Familiar*, à guisa da de João de Araújo Correia, mas desta feita de Urbano. Diz o próprio, na introdução com que inicia o livro:

“(…) tinha vontade de experimentar outro género próximo da reflexão e do diário, de uma forma muito livre, diálogo comigo e com o mundo, com a vida, tentativas de descodificação de textos. Tenciono acrescentar poemas (...), se me “acontecerem”, ao fluxo livre ensaístico-diárial. Queria uma escrita de prazer...”².

Alguns apontamentos de análise podem, desde já, adiantar o que pode servir de motivação. Ora, a metáfora joga um papel relevante, o que afiança o carácter poético da linguagem. Neste sentido, no que à forma e à estilística diz respeito, a sua poesia caracteriza-se por um discurso cuidado e pela ausência de pontuação.

Passado e presente caminham lado a lado no pano ideológico que não abandona – sendo este um dos contextos da sua produção; o outro é a memória, a saudade, o sonho como esperança e ânsia de preparação para a morte, na linha de Ruy Belo, um dos seus autores diletos.

Durante a leitura da obra em causa ressalta alguma angústia com o espírito do tempo em que vivemos, o que desde logo fica patente no poema “Cinzas”, que o autor julga ter-lhe sido ditado por uma outra voz do seu ser. Donde, nele detetamos a saudade do tempo de luta, agora vivendo na dúvida (atente-se na antítese “Atualmente vivo sonhando”), na “frialdade do vazio”, recordando a censura e a falta de liberdade das “palavras amordaçadas”, fazendo notar as suas preocupações existencialistas quando se refere ao corpo que envelhece (“eras tua a minha alma?”), não sem a réstia simbólica da “chama breve de um cravo/sob uma floresta de nuvens”, contudo, terminando numa ânsia quase secreta, pois “De onde brotam os desejos / que de noite nos agitam?”.

Sobre o que significa para si o ato de escrever, diz-nos UTR: “escrever é ainda para mim viver (...) retocar a realidade, o escritor aliás fá-lo sempre”³. Ora, é o que faz de ime-

diato na sua prosa quando escreve poeticamente que “Nem os lábios do vento ofendem assim”, recorda as pontas da “corda de feitiço (...) um dos mistérios da infância”, ou, pela evidência ideológica, espera a “glória de um novo dia”.

⁴ *Ibidem*, pp. 85-89.

Tocamos sem mais demora noutras composições poéticas do autor de *O Eterno Efêmero*. Recomeçamos com “O Cornetim Encarnado”, título homónimo do livro, que trata do sonho (ou ilusão) que é a poesia e o cornetim. Abre com uma invocação do absoluto, do êxtase, com a saudade como substrato, ao incorrer no “és (...)/És a terra és a noite/o luar do delírio (...)/És a revelação”.

⁵ *Ibidem*, pp. 89-90.

Creemos, portanto, que ao nosso autor não é alheia a evasão pelo sonho, poisque breves sonos o devem apoquentar com entrelaçamentos do real e do irreal, sendo que a sua escrita, porque não dizer a mais recente, nas suas palavras seu espelho e espelho do mundo, estendendo-se pela crítica, ética, política ou estética, é fortemente de pendor poético no agora.

Sempre em torno do sonho e da ideologia, para UTR a vida tem de ser polvilhada de arte (livros, filmes) e ideias, sob pena de apenas se tornar um campo lavrado de vícios e hipocrisia neo-liberal. Pelo que, a propósito da escrita (e da sua), sonda, à semelhança dos especialistas na matéria, com a sua obra o semiconsciente, carregando de onirismo o seu discurso. Busca, nos aspetos do sonho e da ideologia, ainda o despertar de consciências.

Em mais uma passagem pela sua poesia do livro de que nos ocupamos, “Miragens da Violência” significa, desde logo, uma sofrida observação sobre a violência no Brasil, onde surgem expressões grotescas (“Lacraus com lanças/(...) lhes rasgam as entranhas/É uma frota de vespas”), referindo-se de seguida, usando a metáfora da esperança, aos “que vomitam/o verde” e recordando ideologicamente contra o capitalismo os “indizíveis festivos/que a riqueza organizou”. A dúvida do final não elimina, contudo, a certeza do comunismo em que, a haver alguma dose de injustiça, “todos seremos vítimas iguais”.

Revestindo-se o livro em causa de um corpo informal de temáticas variadas nele surge oportunamente um pequeno poema, sem título, dedicado a Vinicius de Moraes, aos seus “farrapos de som”. Concluindo à guisa de um in memoriam, usa do tom afirmativo-poético (“fogueira que pede / sempre mais / assim sobrevive”), sem abdicar dos recursos estilísticos que figuram a poesia, na circunstância o pleonasma que vem reforçar a ideia obtida: “a luz que reluz”.

“Tornar possível o impossível” é um poema ideológico que mescla a memória dissimuladamente, reafirmando, pela antítese, a dificuldade da palavra revolucionária na conversa “com a lua da promessa / em noites de temporal”, pois o “som de um açude / (...) turva o sono / dos navegadores de auroras”, navegadores estes que sendo os revolucionários constituem uma metáfora interessante discursivamente. Neste sentido, segue o poeta com mais ricas metáforas quando fala dos sonhos difíceis (“A serpente sinistra / das vertigens noturnas”), das dificuldades (“os precipícios / com que a esperança / se defronta”), conquanto o habite sempre a esperança (“O tremor da luz / num jardim de líquidas chamas”), mesmo que sejam lugares de memória dos maus tratos durante o cárcere (“Corpos roxos de equimoses”), a revolução dure e nunca se acabe, apesar dos muitos obstáculos (“É longa, longa a estrada / e pedregosa. O sonho...”), aludindo ao Comunismo, ou melhor, à verdadeira democracia num “mundo de homens livres / e iguais”.

De igual modo nunca saímos da prosa poética de UTR, ora sempre nos encanta ler nele “uma luz cegante (...) a atmosfera dos bosques cor de ferrugem (...) a água hipnotizada dos charcos”⁶ – roça o poema quando refere que “A primavera nasce na alvura das bétulas, na cinza dos carvalhos (...) A floresta canta, uma onda de luz se aproxima e os envolve. Tranças de vento levantam folhas amigas, douradas. Mas uma rapariga vê sangue no sexo da menina e todos se crispam. Não ousam ainda tocar-lhe”⁷ – e notar que a sua noção de felicidade consiste na harmonia entre o corpo e o espírito em pleno gozo da vida, porém, os seus poemas ocupam-nos o olhar cirúrgico da palavra poética, o que nos conduz a uma composição que merece pelo menos breves apontamentos: “Make love not war”. Nesta, inicia com a afirmação da desilusão (“Já ninguém vos leva a sério / meninas flores da geração *hippie*”), usando mesmo da hipérbole “Sois quase múmias” na “vida postíça” de tatuados até com, recorrendo à enumeração, “estrelas caracóis borboletas”, em corpos de “lábios negros”, onde a fuga da liberdade é tema central: “tanta miséria e escravatura / que até nos reconforta hoje / o eco das provocações / das meninas loucas”. Está em cena a inutilidade do movimento hippie.

⁶ *Ibidem*, p. 91.

⁷ *Ibidem*, p. III.

⁸ *Ibidem*, p. 109.

O intelectual ensaísta também discorre sobre poesia, não restando opinar em relação a Rimbaud e Camilo Pessanha, dois dos grandes poetas da poesia contemporânea. Ora, “Entre Rimbaud e Camilo Pessanha há certas diferenças abissais (o Rimbaud das grandes afirmações [...] Camilo deslizando para a abulia) mas em ambos encontramos a música e a interrogação (...) interrogativos muitos dos *Dernier Vers* e até por vezes as *Illuminations* e é-o quase toda a série final da *Clepsidra*, lapidar em *Ao longe os barcos de flores*.”

“A viagem para o silêncio em Rimbaud passa pela *fleur bleue* do final de *Mémoire* e desemboca no mistério das *Illuminations*”⁶.

Ao referir-se ao museu da palavra, às leituras de Antero, Pessanha, Lorca, Eluard e o incontornável Rilke, no seu dizer duches de alma e diálogos entre meditações e afetividades, realça a influência que as formulações interrogativas de Rimbaud exerceram nos poetas que o seguiram.

Indo de novo à carne gráfica da poesia do autor de *Uma Pedrada no Charco*, depositamos o nosso reparar em três poemas avulsos que UTR acredita terem andado muito tempo dentro dele. Em “Feitiço”, o primeiro, toca no indefinido pela metáfora do título, que pode ser a floresta, agosto, a rapariga, o vento ou a noite e escreve com boa temperatura que “A rapariga cisma / nas suas rendas de lua / quando desperta / e a antemã é uma papoula / irradiando sonhos”; em “Bárbara”, o segundo, é simplesmente realista; em “Reconciliação” mantém-se o tom realista, abordando o quotidiano e a vida mundana (“Mas há animais que buscam / o seu sustento sacrificando / outros”).

Num outro poema sem título, numa alusão à revolução, ideologicamente fala “Da noite escura da miséria”, referindo-se metaforicamente a revolução como o “rio da esperança”, fazendo lembrar a forma de ver e de ser de Jorge de Sena, quando escreve que “Ao lado do povo foste povo”, por fim constituindo os dois últimos versos uma espécie de síntese do poema, lembrando Zeca Afonso, o “feiticeiro da aurora / que há de vir”. Também inominado é um dos poemas que Urbano dedica ao seu filho mais novo, António Urbano. Este é um dos poemas mais tocantes e agradáveis do livro. Logo no início trata o seu crescimento (“Dia a dia espreitamos a luz / nos teus gestos / e no asfalto / das tuas refeições”), prosseguindo e terminando na senda do realismo – poeticamente meditou para dizer que “O excesso de real torna-se irreal”⁷ – (“Até sucede / chorares”) e do intimismo em que insere uma interseção (“Digo-te / palavras de amor / muito baixo em segredo / e assim se acalmam / os teus pesadelos / se dissipa o pavor / que abala o mundo”). Por fim, do poema ressalta a pujante metáfora que nos estremece: “Acontece as lâmpadas / do pensamento / agitarem o teu sono”. Ainda nos brinda logo de seguida com outro poema sem título, versando o Natal e novamente o filho António, sem abandonar o sonho e a realidade em que se vê mergulhado na sua produção recente. Finalmente, em “Conto com bruxedos para o meu António”, mais um edifício intemporal que nos lega e ao seu filho, o mundo do sonho é celebrado, como o atesta o verso “O sonho é vida e a vida é tudo”. Vida, sonho (e pessoalmente o seu filho): “O que por um momento nos torna felizes”.

Já em “Balanço – Solstício de inverno”, um elogio da natureza (“é a esplêndida festa do frio / o solstício de inverno”), ecoa a intervenção cívica com palavras-chave (“Falhará em Bali / [...] diligências / [...] salvar [...] / [...] mãe terra”), exercendo da mesma forma crítica contra o capitalismo (“[...] e a exploração / do homem pelo homem / em dor esculpe / cada sussurro das pontes / de sangue sobre / os desolados rios da memória”) – de assinalar as notáveis metáforas com as “pontes” e os “rios da memória”.

No sentido da camaradagem, há poesia no modo do autor de *As Aves da Madrugada* pensar em José Saramago. Ora, fala da crescente debilidade do estado de saúde deste último como a “sua grandeza a consumir-se”⁸. Une-os a lucidez e a intervenção cívica, uma representação interior exteriorizada que acompanhou sempre a sua escrita, onde, no caso de Urbano, os conflitos nascem do amor e da morte.

Como já foi dito, os seus poemas são assumidos como vindo de fora para dentro, sendo modelados como objetos, divertindo-o. Vejamos os casos de “Canção dos novos escravos” e “Bandeiras Vermelhas – 1º de maio de 2008”. No primeiro, desde logo “novos” no título mostra a lucidez do poeta. O tema central é a injustiça (“soletrar / o horror da escravidão”), apresentando o que podemos considerar um Tratado da Indiferença quando escreve: “Negam-lhes tudo e eles / até ardem no desprezo / dos que passam e não / querem vê-los” – os mesmos que, dando a saber a dureza da vida habituada, “já não choram nem sabem / se ainda querem viver”. A enlaçar o final do poema a conjunção “Mas”, estética e semanticamente marca a esperança dos dias que crescem e a terra que

pode sempre voltar a ser atravessada pelas primaveras da solidariedade e da dignidade. O segundo, que ronda o tema da indignação (“Bandeiras vermelhas da indignação / [...] punhos cerrados”) e aborda a luta do proletariado, é um texto bastante metafórico que fala das bandeiras vermelhas como “soluções de sangue”, dos “estandartes da fome”, dos “cravos vermelhos” com múltiplos sentidos, representando grotescamente a morte como “o terrível / sabor do pó”. A fechar, a tarde é dita como aliada da luta: “desesperado protesto / nas chamas da tarde / ébria de sol / e de furor”.

⁹ *Ibidem*, p. 127.

¹⁰ *Ibidem*, p. 119.

¹¹ Urbano Tavares Rodrigues, *ROSTOS DA ÍNDIA e alguns sonhos*. Lisboa: Edições Asa, 2005.

Para o autor de *Um novo olhar sobre o neorealismo*, o novo dia foi (é?) ânsia, interrogação e esperança. Expressa-as em “Os cravos”, pela força da “obstinação do sol”, a transformação (“todas as quimeras”), a metáfora da esperança quando “a cinza das estrelas / inesperadamente arde” e a dita esperança é declarada “do outro lado da luz”, existente nos incansáveis cravos da cor da vida que pulsa e com que sonha.

A provar a determinação da poesia na sua escrita escreve Urbano “O belo verão”. Num assomo de decrepitude assume uma certa sensação de impotência (“esta tarde que me arranha”), pois “há faces tristes / que se desfolham” no contraste da “acidez secreta / do belo verão”, simbolizando no seu hoje a saúde algo negativo e o verão algo positivo, o que nos remete para Ruy Belo para quem o verão é “um gato ao sol”, tendo nós conhecimento do apreço de Urbano pelos felídeos.

O olhar literário e a pena poética de Urbano nunca se isentam da temática amorosa (e erótica) e na sua prosa atual continuam a espriar-se laivos dessa sua vida essencial. No texto “Renza”, em prosa, recorda: “Havia nela a inocência da natureza. (...) Ela foi o cântico solar do fim da minha adolescência”.⁹

Este livro integrante completa a sua componente poética com um soneto dedicado, cujos temas principais são a ausência, a saudade e a ternura, com o pano de fundo do amor manifesto com comovente sensibilidade: “Tu minha terna e leal namorada”, referindo o objeto da união amorosa como “essa criança tardia bem fadada”.

Concluimos, deste primeiro livro analisado (uma digressão algo penetrante, em que não raras vezes encontramos o autor muito sobre si mesmo), que da aparente existência vazia em UTR a escrita é fonte de subsistência – ler é o seu vício e a sua salvação e, como tal, quase só a leitura e a escrita valem e lhe valem – onde fecunda, por vezes em conversa com um interlocutor que se situa talvez a meio caminho entre ele e outro, o “cântico seminal da vida como euforia dos sentidos”.¹⁰ Da vida e dos sonhos.

2. O caso de *ROSTOS DA ÍNDIA e alguns sonhos*

*ROSTOS DA ÍNDIA e alguns sonhos*¹¹ é um livro equilibrado, de prosa poética (ou poesia informal), em que UTR deposita mais sonhos. Como motivação, o autor recorre a epígrafes algo herméticas de Eugénio de Andrade e de Herberto Helder, sendo que, complementando-se, a primeira realça o desespero da linguagem poética que a segunda faz notar em pleno exercício. Posto isto, o autor de *Bastardos do Sol* arranca para um exercício descritivo-metafórico digno de admiração, onde continua na poesia o existencialismo que caracteriza o seu edifício literário. Atestam-no os textos “Mumbai by night” e “Eterna Goa”, recheados de impressionismo e da intervenção cívica do moralista. Por sua vez, descritivo/impressionista-intimista pode ser considerada a composição textual “Ana em Zeebof” quando regista:

“Zeebof é o nome americano desta praia semisselvagem onde as gralhas nunca se calam, nem as ondas, e as palmeiras se entortam sob a pressão de um vento que não se vê. O sol queima a solidão da areia quase dourada sob o fervor do meio-dia. Ana traz do mar, com gotas de cristal no seio, o rir aberto dessa ardência, a carne morena e a mão estendida, os olhos de lua negra que chegaram do Alentejo antigo num voo da Lufthansa”.

No escrito com temperatura poética “O contínuo amor” Urbano expõe o sonho saudoso da vida vivida, uma “vida sem limites”. Usa ainda do erotismo descritivo quando se refere à circunstância de Pangim. Justamente na redação “As luzes de Calangute” a palavra poética (“pele mansa da noite”) habita avidamente com a profundidade da solidão (ou a solidão da profundidade) e em comunhão com o exercício da crítica, aludindo aos hippies e à luta, porventura anacrónica, do lema “mais amor menos guerra”.

Interessante exercício descritivo, onde o sonho e sempre o amor, como fonte de tudo, e o prazer surgem elementares, é o canto “Ana em Utordá”: “um mar tão secreto e obstinado como o sonho (...) chegámos ao mar de Utordá (...) e aqui bebo nas tuas mãos

em concha o filtro da saúde essencial, a inocência do amor”. De semelhante modo o sonho – assim como o amor, e a sua ânsia, no fim do poema – é tratado em “Na ilha de Dinaar” (“Fui nesses sons [...] Trago nos genes a Índia de outrora”), um texto a que um certo interseccionismo não é alheio (“Será banal mas necessário dizer que és toda a minha vida”), ecoando Ruy Belo, no que observamos do seu dilema temporal, sendo aqui ponderável uma suspensão do tempo, em pleno fôlego discursivo (“Penso no segredo (...) ao nosso lado”). Aqui Urbano não se furta à redundância como recurso expressivo (“O calor abrasa”), nem omite o ateísmo, assumindo “a paixão da morte como mais vida em que não creio.” Também em “Clara nas areias do Índico” versa a problemática temporal, a passagem lenta do tempo. Contudo, “ela imobiliza o tempo”, logo, UTR descreve-a, com ar venerando (Então Clara...) e mesclando a quimera da sua luta ideológica.

Surpreende-nos, agradavelmente, o Urbano cenógrafo, quase teatral, conquanto imóvel, de “Pondá”, onde novamente o amor (ou paixão?) surge como tema, mas constituindo, no caso, o campo das referências mitológicas e históricas os aspetos mais destacáveis (“Templo de Shaandrunga [...] o eros antigo foi [...] Kalí humanizada pelo Sul [...] brâmanes se lavam”). Nunca saindo da temática amorosa e denotando influências do surrealismo, o amor sem limites de “Forte da Aguada”, matizado de um sempre relevante tom descritivo (A cúpula do bar [...] trémulas palmeiras) termina aproximando-se metaforicamente do Fantástico (E de repente a música esculpe [...] criaturas de brisa”). Analogamente descritivo da antiga Goa, tocando o sonho, com uma longa frase de entrada que dá mostras do fôlego do autor, é o poema “A opala interior”, também uma visão “de alguns desses semideuses guerreiros das sagas do Sul da Índia. Neste contexto, de referir que não raro nos poemas de UTR há referência a um interlocutor (amada). Na circunstância, enriquecendo a referência com uma metáfora, fala-nos do “instante azul” onde acha os seus lábios “sempre frescos”. Nesta senda, ressaltamos o exemplo de “Com um pé no paraíso”, sempre habitando a mistura do sonho, abordando a Índia, descritivamente e seguidamente uma mulher interlocutora, como é quase norma, terminando com uma alusão plausível ao mito de Ramayana (Parece que [...] o mito promete”).

Importa mencionar destacadamente o longo escrito poético – abre com um primeiro grande parágrafo, em que só no último período apresenta o objeto, isto apesar de o referir no título – “Ruas e sonhos de Deli”. Nele, o autor, oscilando entre o tom narrativo (“Um cão perdido veio...”), informativo (“tão perto do budismo e da sabedoria como do fanatismo e da cupidez”), descritivo, do delírio (“este corpo com quatro braços”) que incorpora a obsessão do sonho (“aí encontrei os meus sonhos...”) e o encantamento (“[...] de toda a Índia, em que só a alma não se vende”), sem descurar o registo opinativo em que renova o seu ateísmo, em prol do humanismo, que não é de somenos no entendimento da sua idiosincrasia:

“O que eu agora vejo, de pé sobre a confusão das ruas fervilhantes, é o deus que há em cada homem e que apenas precisa de que o deixem livremente sorrir, como Siva ou como o jovem muçulmano que há pouco se prosternava, à procura da sua anulação, na Mesquita da Sexta-Feira”.

Donde, no escrito analisado predominam o sonho e a descrição informativa, a espaços mas constante, com o olhar muito atento de quem viajou como Sophia, cumprindo Sophia, para quem viajar era olhar.

O teor que compõe o trabalho com o interessante título, pensado poeticamente, “Os vastos jardins da noite” é o do encanto da “Porta da Índia” – pensamos em Goa – e termina com esperança (de novo o sonho): “O novo dia”. De referir apenas mais dois aspetos: o tu a que o sujeito poético se dirige; a adversativa “Mas”, que marca um senão interposto pela intervenção física em: “nas belas mansões coloniais onde habitam, entre vastos jardins, os políticos e os privilegiados”.

Um poema cujo conteúdo envolve a indignação é “No forro do dia”, metáfora do interior do dia. Acontece em Deli. Dos seus versos faz parte a notável comparação: “Vou agora, procurando o caminho do regresso, por uma encosta pedregosa, entre dois renques de edifícios todos semelhantes, à imagem do que é por vezes a pobreza, cinzenta e fechada”. Ainda marca a matéria do poema a antítese da (in)justiça: “Mesmo a respiração solar dos jardins da grande cidade não tarda a perder-se em ódios acumulados e sem perdão”.

O trabalho poético de UTR em “No limiar de Matra” (cidade) evidencia que o poeta tem sempre, em cada canto, o “desejo de repousar na alma das coisas” (um outro momento em que regressa à meditação na alma das coisas é em “Nos jardins de Lodi”, um sereno parque em Deli). Na circunstância, também propaga o ateísmo (“gerações

escravas do divino”) e alude ao templo de Hare Krishna, em frente do qual, usando da linguagem onírica, “uma flauta de ressurreição dulcifica agora os rostos sob o ardor do sol”. Justamente, o poema “Quem?”, marcadamente impressionista, do início ao fim um puro sonho, um mini conto poético, roça similarmente o ateísmo, evidenciando a onnipotência da natureza, usando do fantástico, pela hesitação provocada no leitor, a partir do meio do texto, nomeadamente com o uso da adversativa “Mas” quando refere que “um homem alto (...) estende para as nuvens negras (...) a sua mão direita (...) e, crescendo para os elementos, grita:

“– Parem lá com isso!”.

Deve motivar notar o gesto poético presente na obra “A flauta em Sikandra”, carregada de hermetismo, ainda que abra à companheira Ana, no final, fazendo adivinhar o sonho acordado de um simples olhar poético sobre um cesto de serpentes.

A haver um trecho que possa resumir a arte poética de Urbano é o caso do seguinte: “Tenho sede (...) de outros horizontes, da metamorfose deste mundo”. Faz parte do sonho, sempre o sonho, vivido e sonhado presente em “Na estrada”, produção ainda descritiva e nomeadora:

“Sucedem-se os bazares, as cidades bazares; a Índia é um imenso bazar, plenitude de lábios vertiginosos apregoando a urgência do negócio. Barracões de madeira e lata pintada, arsenais de bugigangas e preciosidades, todos os chás, mil tecidos, mil aromas, diáfanas madreperlas, marfins, pratos estridentes, o resplendor dos gladiolos nas tinas de cobre, gemidos de portas que se entreabrem”.

De volta a Deli, na digressão assumida pela obra deste caso, a poesia de “O sorriso de Buda”, irónica no primeiro parágrafo e laudatória no segundo, é feita quase sempre de considerações, como a relativa a Buda, a quem atribui um sorriso plástico (“O Buda sorri para mim o seu tão belo sorriso, que me parece agora sem razão nem destino, o sorriso de uma felicidade marginal, igual ao das flores cultivadas em estufa, sob a peneira do sol”), mesmo que, entretanto, volte a acreditar no gesto facial do líder filosófico. No final do poema estabelece uma interessante similitude de intenção entre o Nirvana e Rimbaud, lembrando a “liberdade livre” dita por este.

Quase a fechar o livro, ocupa-nos o canto “Os expostos”, título sugestivo que remete subtilmente para a miséria, apesar do amor, portanto, a antítese amor-miséria. Desde logo, evidencia a fé na vida – donde, um apelo à mesma. Ao surrealismo inicial (“Há ainda pássaros de luz nas árvores anoitecidas.”) sucede o realce do amor, que está em toda a parte (“Em toda a parte eros comanda a vida”) e, no entanto, grotescamente, descreve uma morte abandonada na rua, pois as autoridades só retiram o corpo quando junto do mesmo existem cinquenta rupees.

A concluir o livro, “Aquela indefinível luz” surge como um texto descritivo-impressionista, em que a luz ressuscita o mármore do monumento Taj Mahal, conhecido como a maior prova de amor do mundo; o poeta realça a cor indefinível, cambiante, do monumento monumental, descreve os seus arcos e delicadas geometrias. Na verdade, é a “Pura forma do êxtase (...) um sonho sem fim”, mas também “obsessão de amor e morte, a dor de Akhbar”.

ROSTOS DA ÍNDIA e alguns sonhos é um livro incontornável na obra de UTR. Ora, afirma inegavelmente a grandeza do trabalho poético do seu autor, cuja vida é um seguro poema constante e coerente, em que os sonhos de outrora flutuam e não se afundam e os de hoje são cada vez mais um lugar surreal de criação de liberdade e de ânsia.

3. O caso de *Horas de vidro*

Neste mais recente caso do seu trabalho poético, *Horas de vidro*, obra inédita que terá a chancela da editora Dom Quixote (a cortesia e a generosidade do autor permitiu-nos um contacto prévio com o livro), dividida em quatro partes (*Primeiros poemas*, *Poemas dos anos 60*, *Poemas do novo século*, *Poemas com endereço*) os poemas são quase todos curtos e nele podemos encontrar motivações várias que fixam atenções no(s) sonho(s), no telurismo, no intimismo mesclado de ideologia, que no autor se liga ao princípio da fidelidade, no ambiente lavrado dos tempos de ontem insatisfeitos, quase equivalente aos tempos de hoje: de esperança, mas frustrantes.

Reclamando para o crítico o papel de criador, poder-se-á dizer que este título, bem autorizado, manifesta o tempo visível, mas intocável, no sentido de inalterável; ou,

simplesmente, designa a fragilidade das horas. Na verdade, o autor de *Nus e Suplicantes* marca um desejo de luz, demonstrando-o poemas como “Viagem”, da secção *Poemas do novo século*, e “Catorze meses”, da secção *Poemas com endereço*. Mas comecemos pelo início, designadamente pelos *Primeiros poemas*, que inclui, nos cinco primeiros textos, as respetivas versões manuscritas. Neste contexto dominam os temas do amor, da solidão e de um certo intimismo, pairando sobre os mesmos o pensamento da dor e do tempo, ou da dor como tempo e o tempo como dor. A Urbano, aqui, não é alheia a rima e a metáfora, a espaços. Em “Agonia” (1947) o poeta contrapõe a sedução ou/e a beleza ao pós-guerra, quando termina em lamento: “E o mundo estilhaçado / Reclamando o fim!”. “Perfil” (1948), um exercício de diferentes tipos de rima, despoleta o sentido da tragicidade dividida, bem evidente no recurso aos dísticos que sucedem ao terceto inicial e que expressam a duplicidade da “verdade ultrarreal” e do “trágico apelo”. Ao querer entender a margem da dor do tempo, o autor de *A Porta dos Limites* mescla o sentimento amoroso e escreve “Praia do Tempo”, a que se “Escolha”, em que cruza, não apenas no sentido rimático, amor e ideologia, esta mesma em gestação (“Reflorir a liberdade”). Simbolicamente e estabelecendo elos, produz “Amor?”, sobre a desesperança e o amor, uma metafórica “esperança apodrecida” em solidões que se aprofundam (“Gêmeas solidões cheias de lodo”), não se coibindo o poeta de nos proporcionar, no final, rasgos do erotismo pujante que o viria a caracterizar: “Nojo da tua carne extasiada / Rasgada em maldição, ó meu amor!”. Fecha esta parte o poema “Presente”, que toma para si o tema da solidão do amor (“Que acordas só”), mas também a esperança na felicidade (“outra vida paralela para te oferecer, vermelha / como um cravo, de repente!”), justamente uma vida mais viva. Semântica e formalmente pensado, o fim “a sorrir...” abraça o início “A rir, a rir”, não sem antes ser embalado pela metáfora (“mendigos do sol, orgulhosos, nós os dois”) e pela repetição de palavras adverbialmente refletidas, como “se fundissem docemente / para sempre docemente”.

A segunda parte do livro, constituída por poemas de resistências: política, sentimental, ideológica, se não quisermos estender o papel do crítico a outros níveis mais, em grande medida dentro do espírito dos anos 60, abre com “Margem Sul (1960), forte ideologicamente – conotação comunista: “ó margem esquerda do verão [...] margem esquerda deste amor / feito de fome e de sal / A foice [...] peito / terra vermelha / como bandeira sonhada”, com alusões ao trabalho, à produção, à terra do povo *Levantado do chão* –, trabalhado com uma só rima cruzada em cada quadra, expondo a preocupação de UTR com a melopeia, a estilística, onde o regionalismo está patente (“é na terra do teu pão / que se joga a tua sorte”) é uma composição que foi apropriadamente musicada e cantada, desde os anos 60 do século XX, por Adriano Correia de Oliveira. Na mesma linha ideológica, “Curro” n.º 1” (1963, reformulado) expressa as complicações da guerra-fria, as guerras, a opressão dos povos (“Era tudo escuro à minha volta”), conquanto alguma esperança impressionista do escuro das paredes que se ia “tornando verde”. Nota-se o compromisso ideológico por dentro desses “sonhos sonhados”, intuindo-se que *La revolución nunca se acaba*, com referências a Angola, Catalunha e ao Vietname, justamente a sua parte da crença que espera sempre “um sinal concreto de mudança”. Então, prossegue com o seu “Destino” (1966), disposto em quatro sextilhas, que denotam trabalho no modo do discurso, pois usa do refrão e da rima, no seio da desesperança, remetendo a ideologia política e oscilando a ausência de expectativa (“Já sorvemos toda a esperança”), sempre no reduto comunista (“Dançamos entre muralhas / De areia vermelha e vã, / Tal é o nosso destino!”), com a força biográfica da sua vida sentimental (“és tu a margem / Da minha raiva de amar”); o mesmo se passa com “O preço é ser indiferente”, assente num esquema rimático rico e no refrão incluso. Como letra para música, comporta os temas do desencanto com o estado das coisas, a dita desesperança de quem já não embarca na ilusão, não se desengana (“Eu já não vivo os meus braços / Nem mesmo em gestos de espuma: / Sei de cor iguais instantes!”), mas sempre a coerência da ideologia de uma vida lúcida, a de quem pela sua educação e formação ideológica paga o seu preço (“Bebi em todas as fontes / [...] Vidas que levo à deriva... / Cinzentos são os meus dias”).

Na linha de alguma desesperança ideológica com contornos de sentimento amoroso escreve Urbano em 1968 a “Canção do amor prisioneiro”. Trata-se de um registo, uma memória poética autobiográfica do cárcere (“Estes olhos que a insónia já negou / [...] Estes dedos que na cela são tenazes”), que torneada pela rima dissimulada intersecciona a memória e o amor, justamente desejando ser recordado e respeitado pela amada

quando ocorrer a separação física entre ambos (“O saber que são meus os teus minutos! [...] Não. Não pode florir noutra jardim / essa ternura que ancorou em mim.”). Entrementes, a dúvida do seu destino persiste nos “gestos de tortura”, na “dúvida que o cárcere repete”. Pleno de sentimento amoroso que é motivo de resistência – pois resistir é amar – é o poema “Sábado encarcerado”, também de 1968, onde progressivamente o sujeito poético encontra a posse do amor (“que és a ilha sem navios / [...] Meu sábado de sol e de carícias”), formalmente coadjuvada pela perífrase “Para ti”, ainda que o habite a hora do cárcere e da resistência (“Nesta tumba de grades que interrogam / Hora a hora para ti sustenho a vida”). Ainda no mesmo ano escreve um soneto de rima flexível, sem título, pejado de carga ideológica e memória e na linha construtiva da palavra poética. A “lembrança” da amada fortalece-o, num desejo de paz, sempre lúcido na sua “ardente insónia”, cuja consistência é vincada pela notável metáfora da amada, “branca brisa da concórdia”, remetendo, a fechar, para o ideal de resistência que lembra Álvaro Cunhal, fustigado pelo vento, mas sempre de frente e nunca de costas (“[...] aguardo de pé não de joelhos”).

De volta à terra da ideologia/à ideologia da terra, num hino ao trabalho, ao sofrimento, à esperança, na verdade, à força telúrica do Alentejo, escreve “Mulheres do Alentejo” (1977), “primaveras erguidas / contra os bastões contra as balas”, metaforicamente concretizando-as, substantivando-as de “trabalho” e de “dor”, fazendo jus, no final do poema, ao “povo torturado”, “nossa esperança, ainda em flor e fruto / no vermelho das feridas / deste País de abril”. Ora, na era pós-PREC era notória a frustração da revolução incompleta, mas sempre revestida de um certo seu “sinal de luz”.

Urbano dá por terminada esta segunda parte do livro com o tocante poema “Após o incêndio” (1999), um título redutor, mas que concentra a atenção sobre e sob o setembro Negro que assolou Timor-Leste no mesmo ano. Balanceando o espírito do poema entre a enunciação, a informação e alguma temperatura poética do discurso, mas o bastante trabalho dos recursos expressivos, como a metáfora (“As árvores voam na angústia do olhar queimado”) ou mesma um agrupamento desta, nos interstícios da descrição, do discurso, e da hipérbole (“Até a brisa / que acaricia as altas e finas palmeiras, cheira a morte.”), transmite-nos as sensações da liberdade algemada, da fragilidade da ondulação das árvores, entre outras enunciações poéticas, num texto que pende para a intervenção cívica e que fazem dele um mini-poema-crónica em que a sua enunciação-chave surge quando escreve: “A verdade murchou”. Justamente, aqui está um poeta bem informado.

Posto isto, é na terceira parte do livro que UTR nos lega os seus desejos para um novo século. Ora, *Poemas do novo século* é constituída por vinte e oito poemas divididos em duas fases, apenas no que diz respeito ao modo do discurso, pois de resto forma um corpo indivisível. Neste sentido, temas como o sonho do futuro, o amor da ideologia ou a ideologia do amor, a(s) esperança(s), o amor, a morte, a(s) dor(es) são ramos do tronco comum em que se inserem.

Abre com os motes da natureza e do amor em “primavera” (2005), sendo que, como noutros, começa com uma estrofe em que descreve, poetiza algo, e depois salta para o sentimento amoroso – algo semelhante à atitude poética de Ruy Belo. Donde, quando (de)escreve o olhar que “de tão negro e parado é um aviso / do destino que me fixa finalmente” levanta o véu do negativismo, mesmo que se depreenda o início da aproximação do processo de fim de vida, afirmando o existencialismo irrecusável. Portanto, o poema divide-se em três partes: uma primeira em que a primavera é a ainda incerteza; uma segunda em que o sentimento amoroso nos indica o destino da incerteza; uma terceira em que as duas anteriores questões se afirmam como incertezas de certeza, ou seja, está em cena a certeza da incerteza. Do mesmo ano segue(m)-se “Dois poemas de amor e morte”. Sonho – amor; abandono – morte: binómios do sonho cada vez mais presente em Urbano a partir daqui, os “sonhos sempre sonhados” com remetências subtis para a ideologia ida (?) na adverbialização do concreto pessoal (“Libertamente me chamam”), um universo palpável de desamparo, renúncias, passos antigos até à abstrata concretização do “segredo refúgio / de um amor”. Logo motiva a reflexão de “Mudança (2006), assente no fracasso do 25 de Abril, repleto de ideologia, mas mais serena, como uma desilusão também aspectual, consciente da mentira, acreditando na mudança, com alguma indignação da esperança, “num outro abril”, sempre com os olhos centrados na luta pelos desfavorecidos “nesta cidade em que tudo está à venda”.

Precisamente, continua Urbano com o seu cavalo de batalha em “Amanheceu abril” (2006) – indício de um novo dia? –, expressão da serena angústia de uma luta quase perdida, mas não em vão, pois subsiste, qual imagem fortíssima, a “medula do futuro”. O poema em causa é, portanto, uma recordação da revolução de abril. Em todos os sítios da cidade, novamente, Tejo, Chiado, Graça, logo, Lisboa, “respira-se fraternidade” – diálogo com o poema anterior, na cidade “em que tudo está à venda”. Assim, “Amanheceu abril” expressa a recordação temporal em relação a “Mudança”.

Outra questão é a presente em “Não te rendas a Castela” (2006), de rima única em cada quadra. Declara a ideologia humanista de esperança num outro amanhã para o Alentejo, região não raras vezes injustiçada, acreditando na força do sentir da terra e do povo e ansiando que o atual estado da nação mude e uma espécie de metamorfose ocorra, mesmo que não nos moldes de abril... (“entre a vontade de ser / e os cravos de amanhã / Não te rendas a Castela / sorrirá outra manhã”). No mesmo ano produz mais quatro poemas que inclui nesta obra. Primeiro, “Natal” percorre as “gretas da indiferença”, usando de uma força nomeadora que lembra Wang Wei, associando moralidade ao mesmo, no exato alerta perante a indiferença com o próximo (“quando alguém passa e pedem / uma moeda por amor de ninguém / Nenhuma luz desenha nesta manhã / sequer um recorte de afeto”), numa “cascata de infinito desconsolo”, refletindo a ausência de valores morais na atualidade (“Só esta tristeza que acorda / ecos do amor que já houve”). Segundo, “Aquela luz” traz-nos o sonho, a luta ideológica/proletária, numa referência ao dia do trabalhador, o primeiro de maio – recordamos aqui o poema homónimo de Maiakovski –, num assomo de camaradagem (“fechávamos o punho”) voluntariosa “sobre o rumor das veias soletrando / liberdade”. Terceiro, “Grupo escultórico” vem de outro sentido e trata outro objeto, pois de caráter profundamente erótico, mesmo no seio da natureza – ora, o seu lirismo-erotismo da “manhã azul que entumesce”. Quarto do ciclo iniciado em “Mudança”, “Ameaça” é um poema da vida, do Alentejo, do, mesmo que subtilmente pela poesia, sempre idealismo, mas também é o sonho perdido (tendência do autor para o hermetismo?), o de um espírito inquieto (“desfalecem as vacas e os sonhos / dos agricultores”), certa revolta (“o seu fracasso”), com oportunas alusões ao capitalismo (“pestilentos arredores / das cidades que concentram a riqueza”), fazendo notar a desertificação concretizada (“fogem destas paragens / onde a própria vida seca”), ainda que, julgamos pelo curso em cena, a crise possa devolver as pessoas, pela necessidade, à terra. Algo hermético é também o objeto de palavras “Desconstrução da Luz” (2007), uma crítica aos tempos hipócritas – segunda metade do século XX e início do século XXI – que atravessa(á)mos: “Chovia sobre a sombra / das ruas pobres / penteadas para o turismo”. Fecha esta subparte o poema “Interrogações” (2007), justamente de tendência ideológica, mais uma fala da esperança afundada, mas não sem um possível reacreditar. O núcleo semântico do poema reside no belo jogo metafórico: “Em que rio de som mergulha / o sentido das coisas?”. Com referência implícita ao povo, faz uma crítica aos políticos atuais, excetuando a CDU, que nunca esteve realmente no poder (“Sob os arcos da noite / que míseras criaturas / ainda acalentam a luz / das ilusões que não se cumprem?”). Em suma, o poema realça a importância da revolução, do ideal de revolução (“Qual o poder do choro / ou do grito ou da raiva / dessa ânsia vaga de mudar a vida?”).

Na senda do predito, “Na praia da rocha” (2007) marca a referida segunda fase no trabalho do discurso. A partir daqui o tratamento da palavra poética aumenta. Deste modo, sendo um dos melhores, apesar do título discutível, é uma recordação do convívio com poetas, no seio da poesia em si e nos elementos da natureza. O recurso à memória e à alta temperatura da palavra no discurso poético são imagens de marca deste poema inacabável, em que não faltam referências/alusões a Casimiro de Brito ou Ramos Rosa, no esplendor da grande poesia em versos como: “e eram à sua volta rochas de sol / e diamante figuras pagãs / de um esquecido culto”. Iguamente paira sobre a nossa ideia de poesia de qualidade o trabalho “Viagem interior em dias que já lá vão”, onde terra, sonho, uma via cada vez mais constante na sua semântica, sagrado e a devida ideologia (político-social, sempre) são tópicos caracterizadores, a que se ligam, na circunstância, a lucidez ideológica que transmite, mesmo no silêncio (“As aves do frio fugiam de mim / da vidência que descobriam no meu silêncio”), o telurismo (“Quem eu sentia que me queria falar / a sério revelar-me algum oculto saber / eram as raízes cúmplices da Terra”) e o panteísmo (“segredos que a espuma de um rio / arrastava Segredos das árvores / das pedras dos animais meus segredos”). Sobre outro futuro versa “Viagem” (2007), nos-

tálgico, esperançoso de um mundo melhor (“há de haver porém – ou rasgamo-la nós – / Uma janela qualquer, / Toda branca ou de fogo, / Que se abra inesperadamente / Para outro futuro”) e retornando à linha de defesa dos mais desfavorecidos (“Mostram-nos de longe / quando muito / a raiva de criaturas / dos bairros mais escuros. / Gente sem pão nem trabalho / ou com horas de sofrimento em excesso / sabemos que há e são muitas”). Algo peculiar é o poema “O novo dia da cidade” (2007), que não se afasta dos temas que temos designado como fundamentais em UTR, uma vez que se trata de um conjunto de emendas e aumentos, desde trás, de “Amanheceu abril”, na medida em que a segunda parte do poema é uma cópia daquele. Assim sendo, há o tratamento, pela metáfora (“vento cheio de gritos / [...]cravos ardentes”), da revolução. Começa por descrever a cidade, o Tejo, lembrando de seguida abril, metaforizando que “Ficou, é certo / uma luz teimosa / sussurrando entre nuvens”. Dignamente, ficam em causa os demasiados hinos ao 25 de Abril, quando na verdade aquele levantamento depois de cumprido se gorou em revolução. Mesmo assim, reafirma Urbano que algo terá de mudar e vai mudar. Relativamente aos dois últimos poemas de 2007, “Disse-te um dia” transparece intimismo e erotismo (“e bebo todo o sol e afinal o tempo / nos teus lábios”), anotando o autor que, no fundo, a espera, no amor, é só o que vale a pena (“mas esperava-me no aeroporto / de nunca antes/o rumor febril dos teus olhos / onde aprendi / que o tempo não existe”); “Angústia”, título forte, embora comum, por sua vez exala esperança, iniciando metaforicamente (“O dia abre as pálpebras lentamente”) as serrazinações, indicações ideológicas que aludem à desilusão da revolução de abril, ao capitalismo, convicto de que a culpa é a ditadura substancial na estrutura democrática formal (“A máscara destes horrores é a falsa / democracia que já foi árvore de sol”) em que quase se esvai a esperança, arrematando numa referência histórica, muito subtil, a abril, “intervalo de luz”.

Segue-se nove poemas que reportam a 2008. “Retratos Rasgados” renova a sempre esperança, a solidariedade (“Sempre deste a mão à fraqueza”), também com a causa erguida pela bandeira, numa quase inesgotável camaradagem da busca do que resta da revolução, a “flor secreta / do tempo / abolido”, assente na vontade, reanimadora, que Schopenhauer preconizava. “Poemas de Toda a Vida – Destino”, em três partes, reconduz-nos ao sonho e à ideologia, vincado do anticapitalismo veemente da sua revolta (“Nunca aceitarei qualquer tirania / nem a do dinheiro”), embebida de um radical existencialismo sartriano (“nem a própria vida eu aceito/tal como ela é/com todas as promessas/do amor e da juventude [...] / envelhecer / a morte em cada dia / antecipada”), mas sempre na linha do sonho ideologicamente bem poetizado: “Quando a terra poluída / tiver sorvido toda a água dos lagos e das / fontes / hei de levar o meu fantasma / até ao porto sonoro / onde a esperança cai a pique / sobre o mar dos desejos sem limite”. Também do sonho, da ideologia e da desilusão (“a ideia de um templo vivo / onde igualdade e futuro / se haviam de fundir”) trata “O Branco Dia”, mas sempre, no fim, com a esperança, o sacrifício, que nunca esmorece totalmente: “o pressentimento da árvore / triunfal onde todas as aves os insetos / e as flores até as flores / começarão a cantar”. “Sem Grinalda e sem regresso” devolve-nos, pela conjunção, a desilusão, mas não abandonando o abundante sonho de um mundo melhor. É uma “esperança desesperada” em quatro quadras. Justamente na segunda, Urbano usa um processo discursivo próximo de Ruy Belo, um dos poetas diletos do autor, quando não pausa elementos nucleares das orações (“juntam-se batem às portas”), afirmando o futuro “incandescente”, dúbio, mas certo, ainda que sem previsão exata, isto depois dos sonhos desfeitos. Na verdade, depreendemos nas palavras de UTR o ideal comunista, mas também que importa ler bem Marx, renovando o sonho de uma “cascata branca a sonhar”, de uma nova “onda de igualdade”. No mesmo patamar, porém marcado de erotismo e amor, “Dois poemas de amor e vida” abre com uma referência a Ana Maria, “Rosa vibrante dos subterrâneos / de uma nova resistência”, recordando, numa metáfora erótica, a chama e o fulgor da paixão: “Entrar no jardim do teu corpo / é o esplendor da vida”; ressalta da segunda parte do poema o lirismo do cruzamento com a “música silenciosa” de um primeiro sorriso nas “folhagens de um azul / mais luminoso”. Em “Noturno” ressurge a oscilação entre a esperança no amor (“Ver-te-ei por ventura de novo”), primeiro a dúvida e a desacreditação, e a resignação (“Anoiteço sem lágrimas”), sempre no campo do questionamento amor-morte, comparando a morte, a dor, o sofrimento a processos de fim.

Nos últimos três poemas desta data, “O Barranco das violetas” encerra uma certa tradição campestre, celebração da vida, do humano, onde a incerteza e a memória (“Refletidas no charco estremeçam / elas ou outras / as violetas da minha infância.”)

são lavradas em belas passagens de profundo sentimento do humano e da vida: “Veio um dia uma maré de cinza / cobrir a ladeira que vou / subindo e até a luz dos olhos / me escureceu.”; já “Os meus desejos para um novo ano” afirma-se como um produto nuclear nesta sua obra, pois dele constam os caros temas da ideologia, sem alheamento da esperança, num retornado assomo de luz, em que a estrutura formal do conteúdo do texto se centra nas ideias “Quero”, desejo, e “Não mais”, recusa – cuida da intervenção cívica pelos mais desfavorecidos (“Quero pétalas de luz suavizando / a pobreza que se esconde”), na defesa do proletariado (“e os trabalhadores exaustos deploram / os seus direitos perdidos”), a tempo usando da metáfora bélica “Não mais o sol das guerras”, repensando abril e todos os tópicos que a sua ideologia abarca na superior metáfora das “verdes artérias do futuro / lágrimas tornando-se sementes”, recusando o industrialismo estéril do capitalismo neo-liberal (“Não mais a invasão do plástico / em benefício de grandes empresas”) e mantendo-se atual ao referir-se às deslocações das empresas, das “muitas fábricas que fecham / para lucro”, podendo aqui ser estabelecido um paralelo com “Angústia”, em que o desejo de uma “autêntica liberdade” substancial exprime o sonho tornado realidade; por fim, “A Luz de Viana”, sobre Viana do Castelo, acolhe um tom mais liricamente pensado, no seio do sonho (“Em Viana senti o sol / chegar até ao fundo de mim / e escutei o silêncio salino / das águas da memória”), subtilmente referindo-se a abril e com os olhos na esperança de “pétalas cor de amanhã”.

De 2009 é “Cidade da Agonia”, poema profundamente ideológico, marxista (“Será alguma vez o homem / irmão do homem?”), tendo presente que “as sombras encontram-se no escuro / da indiferença e do medo”. Fecha a terceira parte do livro com “Carnaval”, uma parábola interseccionada do amor (“Carnaval de remorsos de nostalgia / com rebentos de luz”)...

Entramos na quarta e última parte, por sinal bastante singular, do livro. *Poemas com endereço* constitui um corpus de homenagens, essencialmente. Abre com “Tão longe e tão perto (em memória de Fiama Hasse Pais Brandão)”, não datado, que aborda temas da poesia de Fiama (“As sílabas e o segredo / dos teus poemas sonho / e solidão que tu tocaste”), chegando a enumerar certas áreas (“Tudo o que amas e que amaste / a violeta e o cravo o orvalho / a libélula a abelha e o moscardo / o diálogo dos arbustos com o sol / as névoas irisadas que inventavas / todo o jardim te espera e se despede”). Urbano entoa uma voz na luz que caminha para as fronteiras do indefinido fim.

De 2007 dá-nos UTR a conhecer, nesta parte e neste âmbito, quatro poemas. “A chuva em Paris (para a Agripina Costa Marques)” é, num primeiro momento, simultaneamente um roteiro poético de Paris, o pensar do tempo, da temporalidade (“Sentia-se amadurecer o tempo”), o ritmo da vida e um tratamento do sonho, que estiliza, por exemplo, usando do hipérbato: “Apenas com o azul ardósia dos telhados / e sua alma as mãos da chuva sem anéis / se combinavam, se confundiam”. Num segundo momento, algo ideológico, alude ao maio de 68 e também ao surrealismo que caracteriza a sua, de Urbano, arte literária. Acaba simbolicamente, recorrendo à chuva para atingir tal efeito, questionando(-se), ironicamente, se tem cabimento perdoar os revolucionários: “Há quem diga que tu perdoas / chuva redentora Mas afinal o que perdoas / O simples facto de vivermos?”. Do mesmo ano é “Poema com endereço – Os olhos de Luísa Amaro”, duas quadras em que usa das rimas cruzada e interpolada, uma composição panegírica que recorda a dor de perder o Carlos Paredes (“um raio de sol dourou / Vibra guitarra de luz / que nenhuma dor calou”), assentando na busca da música mais pura “entre silêncio e silêncio / das águas nuas do mar”. Ainda no mesmo ano escreve “Ana dos cabelos de ouro”, uma pequena memória em rima. Mas talvez o máximo poema deste ano seja “Catorze Meses (ao António Urbano)”, escrito em maio, dedicado ao seu filho mais recente. Nele desenvolve um belo monólogo dirigido ao amor paterno, como pai que sonha com o filho que tem. E fá-lo, entra no sonho, de forma descritiva, terna (“Na palma das tuas mãos / crescem sonhos indecifráveis [...] / meio anjo meio demónio como serás”), exprimindo no filho a alegria maior (“e o brilho sagrado de um sol que no êxtase / absoluto dos teus pais se refrata a cada instante.”).

Encerramos estas visões com três poemas de 2008. “Com luz de sal”, constituindo “luz de sal” a metáfora salga de desejo, panegiricamente rima na sua estrutura externa, expondo a dicotomia luz-sol como expressão de equilíbrio do sal que também tempera o desejo. Volta o sonho em “Memória (Para o Luís Cília)”, desde logo ao abrir o poema, lembrando Eliot, pois a vida é longa, quando escreve que “É longa a estrada amigo”. O

sonho que lembra mais uma vez abril, o “da cidade virtual / que já foi nossa”, a memória das lutas pelas causas do partido, “daquelas velas vermelhas / dos nossos desfiles intermináveis”. Tudo isto são “crânios pesados / de sonho / que as vegetações daninhas / não conseguem poluir”, a realidade que pesa em contrapeso do sonho. No antefecho do livro, poisque “Catorze Meses” é o último da obra, “Lamparinas de cristal (Poema para a Maria João Pires”, do mesmo ano, deixa-nos com o sonho, sempre, aquele que “ao piano / sonha a Maria João”, extenso pela metáfora desconstrutiva, à guisa de outras do poeta, “água de luz a correr”, reforçando o seu desejo de luz. Termina arrebatadamente sensível quando “ela sorri e os seus dedos / descem ao fundo do ser”.

4. Abraço final

Depois de cavarmos fundo na palavra poética de Urbano Tavares Rodrigues, na carne do texto, não nos alheando da devida poemática a exercer, assumidamente (e talvez arriscadamente) poema a poema, enfrentamos a necessidade de nos despedirmos da obra e deste próprio exercício de crítica que irá, como dizia Verlaine sobre o livro (não este), aonde o acaso o leve. O abraço que Urbano e a sua poesia têm a receber desta diligente apreciação é o do sonho de ter compreendido a ideologia com que UTR nunca abandona a sua coerência, a sua competência não raro inovadora e mesmo o anseio de sonhar alcançar o entendimento dos sonhos de um grande escritor e poeta, a quem não é alheia, entre outros, a influência de Octávio Paz, Camilo Pessanha, António Nobre, Ruy Belo ou Fernando Pessoa, destacando Álvaro de Campos.

O autor de *Os Insubmissos* não foi submisso da prosa e assim nos deixa o prazer de o ver também expresso não só noutra mancha gráfica, mas também no seio da palavra poética que sempre habita a sua produção, como o atesta o mais recente (2011) volume de ficção, em prosa, *Os Terraços de junho*, contos e sonhos em que o onírico predomina e o enérgico apelo poético dá à sua escrita perfis de raro encanto. ▼